

O CONFRONTO DE IMAGENS
E SEU RENDIMENTO ESTILÍSTICO
NO CONTO “O TUBARÃO”
DE VITORINO NEMÉSIO*

Edina Regina P. Panichi
UEL

Introdução

Podemos observar, por toda a obra de Nemésio, e em especial no conto “O Tubarão”, uma preocupação do autor em construir a sua linguagem calcada num confronto entre elementos, com o objetivo de explicitar as idéias que tem em mente. Dessa forma, consegue o autor colocar em cotejo dois membros de uma construção sintática de tal forma que o esclarecimento do sentido de um deles se dá em função do que se sabe ou se conhece do outro. Nesse procedimento, não há uma transferência de representação do elemento comparante, como ocorre na metáfora, e sim o confronto de formas de significação diversa, ou, de acordo com MARTINS (1989: 97): “uma aproximação entre elementos de diferente natureza, havendo, portanto um símile, ou comparação qualitativa, assimilativa ou metafórica.”

Os conceitos de imagem, símile e metáfora são difíceis de precisar e, muitas vezes, se interpenetram. É de BOUSÏNO (1966: 132) a afirmação: “Los tratadistas han

* Uma versão deste trabalho foi apresentada no Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, realizado em 1998 na Universidade dos Açores - Portugal.

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------

diferenciado sempre a la imagen de la metáfora, y ambas, de la comparación o símil. Empiezo por declarar que nosotros no entraremos en esos ditingos, por aparecérsenos como puramente cuantitativos, al basar-se en la mayor o menor intensidad de la transposicion.”

Já para ULLMANN (1973: 213) a diferença entre símile e metáfora “es esencialmente la que hay entre imagen explícita e implícita, o, como dijo Paul Eluard en una ocasión, entre la ‘ imagen por analogia’ (A es como B) y la ‘imagen por identificación’ (A es B).

MATTOSO CÂMARA (1992: 220) define o símile como uma “comparação assimilativa, em que numa enunciação lingüística se põe em cotejo formas de significação diversa: A é como B, A parece B, A dir-se-ia B”.

Tanto no símile como na metáfora vamos ter presentes duas representações, dois elementos que aparecem relacionados por traços comuns. No símile essas relações são mais independentes, cada uma mantendo a sua significação, enquanto que na metáfora elas aparecem estreitamente relacionadas.

No símile podemos ter quatro elementos presentes: o comparado (objeto de que se fala, o teor), o comparante (o objeto modelo, o veículo), o análogo (que estabelece os traços comuns entre os dois objetos) e o nexos gramatical como ou outro que exerça a mesma função.

Em muitos casos, a qualidade comum aos dois objetos fica implícita, restando ao leitor deduzir o que o autor quis dizer, recurso largamente utilizado por Nemésio, como poderemos observar.

Enquanto a metáfora expressa a maneira como o escritor sente o mundo, o símile, por sua vez, expressa a análise que ele faz das coisas, como se fosse uma linguagem

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------

didática, uma explicitação, uma busca consciente de esclarecimento da idéia proposta.

Em alguns casos, a **forma** de um determinado objeto sugere a lembrança de outro com o qual se estabelece uma vinculação de similaridade. Em outros, essa similaridade surge pela associação percebida entre as funções desses mesmos elementos. Ao chegar a essas sínteses evocativas, Nemésio revela uma capacidade lingüística singular que, aliada ao seu espírito de observação, permite-lhe recriar um universo literário-ficcional, “e tudo isto, sempre, através de uma linguagem de excepcional agilidade, de incomparável sugestão, de envolvente sabor, apenas ‘difícil’ às primeiras aproximações, como bem afirma MOURÃO-FERREIRA (1992: 4).

2. Similaridade de forma

Podemos observar que na escrita de Nemésio a realidade assume formas várias de idealização. A evocação do mar, ou de imagens que a ele se referem, estão sempre presentes em sua obra. Assim, na percepção do autor, um roupão de banho displicentemente amontoado aos pés de uma mulher, sugere a forma de uma onda: “Ao pé da barraca deixou cair o roupão como Vênus a onda em que aportou...” (37).

Para a construção da imagem, o autor se vale de seu conhecimento a respeito da simbologia das águas, ou seja, o objeto referente ou comparante da associação é a deusa da beleza nascida da espuma do mar, representada, muitas vezes, saindo das ondas.

A pele enrugada e avermelhada, em conseqüência do excesso de sol, suscita uma imagem inusitada para a

<i>Signum</i>	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	---	------	---------

ilustração da idéia. A eleição de imagens operando sobre a nossa sensibilidade, será observada em inúmeras passagens, revelando a flexibilidade que Nemésio empresta a esse expediente estilístico: “Tinha a pele das costas queimada como um papo de peru” (44).

O estado emotivo da personagem Zilda instaura uma associação imprevisível que utilizada habilmente pelo autor, garante o valor de sua intuição artística: “O seu coração encurtava-se, como o balãozinho de membrana que se vai lentamente enrugando até não deixar ver o emblema” (51).

O traço comum entre os dois objetos está nos semas conotativos que definem o aspecto de cada um deles. O humano e o material se fundem, unidos pela noção de contração.

Nos exemplos a seguir, a natureza é fonte de confronto que permite ao autor revelar, além de sua acuidade visual, a sua capacidade de ajustar a linguagem à expressão da realidade exterior, nas suas diferentes perspectivas. Percebemos que as comparações assimilativas, nesses casos, têm qualidades picturais.

Casais num salão, embalados pela dança, lembram ondas concêntricas provocadas pelo arremesso de um objeto na água: “o laço dos pares ondeava ao som do tango como a água de uma lagoa segundos depois de uma pedrada” (53).

Por sua vez, os pares pela forma como aproximam o corpo e os braços no movimento da dança, assemelham-se a árvores copadas: “Entre os pares agora mais raros, anulares e flectidos pela cintura, copados nos braços atirados como árvores de tronco duplo a um vento circular e vagaroso” (54).

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------

Também os passos leves de um dançarino, assemelham-se à fluidez de águas correntes: “o trotezinho corria nos passos de Murta como um córrego.” (56).

A correlação entre a percepção e a expressão, buscada intensamente pelo autor, leva-o a aproximar idéias segundo as afinidades de sensações, fundindo impressões que a imaginação receptiva do leitor apreende de forma espontânea e natural.

A posição inclinada de alguém que faz gestos de cumprimentos cerimoniosos, lembra um fantoche articulado. O resultado expressivo, nesse caso, é uma impressão mista de movimento e forma que cria muitas oportunidades à imaginação do leitor: “O outro amigo de Rui, que inclinara a cabeça à chegada, tornou a incliná-la à partida como quem articula um títere de pau na cabeça do dedo indicador” (54).

Filtrado pela imaginação, um lenço negro, em bioco, assemelha-se a um corvo. Para completar a imagem, o movimento das mãos em direção ao lenço, sugere um gesto de oferta de alimento à ave: “Coçou as repas da frente embiocando o lenço negro, como quem dá carne a um corvo” (61).

Essa instantaneidade da imagem, escapando à censura da razão, amplia o teor emocional da linguagem do autor que, tendo a sua particular representação da realidade, vai buscar elementos os mais adequados para retratar os pormenores relativos aos usos e hábitos da gente por ele retratada.

Nas duas passagens a seguir, além da expressividade da construção, observamos a preocupação do autor em registrar as suas observações de práticas domésticas, sugerindo imagens, senão inéditas, raras do ponto de vista

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------

da conotação: “Era só aumentar aqueles dois ou três interesses, ei-los estendendo na sua vida como os rolos de massa folhada ou uma nesga de fustão a ver se ainda dava uma gola” (63); “a saia colara-se-lhe às pernas como um pão tendido em ruga” (65).

Por vezes, uma experiência abstrata e indefinível, à primeira vista, pode se tornar concreta por obra do espírito criador.

O pensamento, materializado, assume a forma de um dirigível, sugerindo a rapidez com que uma reflexão incômoda pode ser afastada: “Parecia aliviada. O que estivera a pensar representava-se-lhe apenas como o charuto de um zepelim que escureceu a vista a um quilómetro e foi estampar-se no céu” (64).

Os dedos crispados ao volante sugerem as garras de uma ave, tal a semelhança concreta e sensível entre os elementos postos em confronto: “Nuno aderira ao volante como o abutre cativo ao poleiro” (66).

A aproximação entre o personagem e uma ave de rapina, justifica-se em virtude do grande interesse de Nuno pela conquista de Zilda a quem conduzia em seu automóvel.

Da mesma forma, o nariz do motorista, atento à estrada, lembra o gatilho de uma arma, uma vez que o alvo a ser atingido estava muito próximo: “e, de nariz como um gatilho na direção do pára-brisas, de novo fez cantar o torpedo numa lombá” (66).

Oriundo do meio insular, Nemésio registra em sua obra a fauna marítima, a pesca e a vastidão oceânica. Dessa forma, a captura de um tubarão que dá à costa, merece destaque. A forma e a cor da língua do animal, já em adiantado estado de putrefação, ficam indissolúvelmente

<i>Signum</i>	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	---	------	---------

ligadas em nosso espírito, resultando numa impressão conjunta que se integra numa única unidade de percepção: “O tubarão jazia rodeado de curiosos . . . a língua como um saco de café pendente da bocarra” (66).

Os processos associativos de que se vale Nemésio contribuem, ainda, para uma transmutação mágica dos elementos colocados em cotejo. Um agasalho plástico molhado pela chuva, pode sugerir a imagem de um espelho, também molhado, em virtude do reflexo emanado pela incidência, de luz: “Aonde? - perguntou Zilda apeando-se e sacudindo a trincheira iluminada como um espelho que estivessem a lavar” (68).

3. Similaridade de função

Em muitos casos, vamos perceber nesse jogo de imagens, uma associação estabelecida entre dois termos pela similaridade percebida em suas funções, utilidades ou finalidades.

O movimento rápido de alguém ao levantar-se, faz um apelo vigoroso à sensibilidade do autor que para melhor descrever a passagem, transfere a reação de impulso de um objeto concreto à situação que quer demonstrar, imprimindo vivacidade à cena: “ Zilda levantara-se como uma mola da areia...” (39).

Uma toalha de banho colocada em volta do pescoço de uma bela mulher, figura como um acessório de extrema elegância: “Pôs a toalha de banho como uma raposa ao pescoço” (40).

Esta relação de similaridade que provoca no autor e no leitor a aproximação imaginada entre uma toalha e uma raposa, está baseada na natureza psicoassociativa da função

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------

protetora exercida por um e outro acessório, segundo as circunstâncias.

Como já observado, a fauna marítima oferece ao autor material adequado à transmissão de suas experiências. A reação do polvo à captura, sugere, assim, a imagem adequada para expressar a exasperação provocada por um elemento externo: “e esta onda de admiração, quente da nudez de tanta coxa, dava-lhe no azedume como um tinteiro de polvo virado” (43).

Por vezes, embora buscada em elementos banais e desgastados, a imagem resulta vigorosamente expressiva. Contrapondo tais impressões associativas, procura o autor alcançar uma descarga significativa baseando-se na utilização do já conhecido para descrever uma situação pouco convencional - o apelo sexual: “a luz dos seus olhos azuis tocou-lhe naturalmente nas vegetações do peito, como um fósforo num pouco de erva seca” (45).

O movimento do corpo em círculo, quando se mantém os pés fincados no chão, leva o espírito observador do autor a buscar a construção mais eficaz para a expressão dessa idéia, ou seja, a que possa lhe oferecer maior visualidade e movimento e que possa se ajustar o mais possível à expressão da realidade enfocada: “E a este amor de José uma pirueta de gratidão, fazendo-o rodar nas sandálias como compasso num papel” (47).

A sensação de ser elevada pelo abraço de alguém pode provocar um desequilíbrio térmico, tendo em vista o estado emotivo de quem vivencia tal situação. Assim, esse pequeno espaço entre o chão e os pés, pode funcionar como o indicador do termômetro que oscila à mínima mudança de temperatura:

<i>Signum</i>	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	---	------	---------

“Precisava reagir. Mas reagir contra quê, se se sentia leve, tranqüila, e com esta tola impressão, ganhando-a dos pés à cabeça, de que a levantavam docemente por debaixo dos braços, pouco mais que um centímetro, mas um centímetro muito bom, subindo-lhe na espinha como a agulha do termómetro na escala, dentro de um banho morno...?” (51)

Como se pode observar, a imaginação do autor estabelece diferentes tipos de vínculos associativos, provocando representações das mais diversas naturezas e conseguindo confrontar situações onde o concretamente físico presta-se a reproduzir impressões de natureza psíquica.

Os olhos podem exercer a função de lanternas especiais que permitem não iluminar quem a traz consigo, principalmente se pertencerem a alguém ansioso de penetrar os segredos de uma mulher: “teimou Nuno recuando ligeiramente o olhar, passeando em vertical na máscara de Zilda como quem rasga o escuro com uma lanterna de furta-fogo” (55).

Também podem assemelhar-se a uma bola desviada de seu curso, quando usados para dissimular uma situação: “Depois, jogando os seus (olhos) para o vago como quem vibra uma bola que não deve cair na sua rede, acrescentou...” (55).

A constante do oceano avulta na escrita de Nemésio das mais diversas formas. O mar, e tudo o que a ele se relaciona, são fontes perenes de inspiração poética. Assim, o olhar de conquista pode penetrar profundamente como projetores de navios cuja luz alcança grandes distâncias:

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------

“Por que seria que os homens a olhavam assim a fundo, como holofotes de torpedeiros a crista de uma onda do rumo?” (59).

Essas imagens, construídas por associações de idéias, provocam, também, representações adicionais de natureza psíquica, mas perfeitamente perceptíveis e compreensíveis, uma vez que pertencem ao mundo da experiência coletiva.

Observamos a tendência de Nemésio para a percepção dos aspectos múltiplos da realidade. Deparamo-nos, em seus escritos, com a confrontação de elementos segundo as afinidades de suas funções, assim vistas pelo autor, e não de acordo com os postulados da lógica analítica. Dessa forma, a voz pode aquecer o corpo, de forma gradual, assim como a labareda, alimentada por papéis, aquece a água de uma lata: “Mas a voz aquecia-a gradual e subitamente como uma labareda de álcool sob uma ‘bailarina’ de solda” (58).

A necessidade de apreender verbalmente a associação estabelecida em sua mente, leva o autor a confrontar imagens que produzem no leitor a impressão de coisas nunca vistas, mas ao mesmo tempo estranhamente claras e triviais. Dotado de um vigoroso sentido da imagem, Nemésio tem a atenção sempre voltada para as menores possibilidades da linguagem figurada e o resultado expressivo flui justamente dessa sua capacidade de injetar um ar de novidade nas expressões comparativas: “o seu cabelo e o casaco de Inverno ajustaram a uma só imagem de mulher, como num arquivo de identificação as linhas de uma polegada fotográfica falam, sem nome nem número, muito mais alto que as outras” (64).

As variadas experiências estéticas de confrontação de idéias, exigem de Nemésio um embasamento em formas

<i>Signum</i>	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	---	------	---------

lingüísticas muito particulares. Tais representações, no entanto, parecem tão naturais que ao analisarmos o caminho percorrido pelo autor, percebemos que essa naturalidade provém, justamente, do poder de sugestão do elemento comparante que estimula a imaginação do leitor e o leva a perceber o verdadeiro objetivo do autor: “O convite soou dentro de Zilda como o botão de **mise en marche** que vai acordar um motor frio, despertar as velinhas da hélice do torpor do óleo, interessando cilindros, bielas, depois o eixo e as rodas...” (65).

Na fusão das idéias, ficam esvaídas as fronteiras do psíquico e do físico. Os vínculos verbais associativos, habilmente manipulados, não propõem uma charada. As contrário, o contraste criado entre o concreto e o abstrato estabelece uma relação facilmente identificável pelo leitor.

4. Conclusão

Como pudemos observar, a formulação do símile, em Nemésio, particularmente no conto “O Tubarão”, segue a fórmula geral A é como B. Esse procedimento baseia-se na preocupação do autor em explicitar sempre as idéias que tem formuladas em sua mente. Da aproximação de elementos de diferente natureza e da fusão destes mesmos elementos, surge uma mistura de encantamento intelectual e sensorial que emana de seu estilo, na produção de cruzamentos e misturas semânticas de grande agudeza perceptiva. A expressão de semelhança entre os elementos postos em confronto, estão sempre colocados numa similitude concreta e sensível, similitude não só de forma, mas também de função, e que atendem ao desejo do autor

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------

de expressar a sua maneira particular de perceber a realidade.

Referências bibliográficas

- BOUSÔNIO, Carlos. *Teoría de la expresión poética*. 4 ed. aum. Madrid: Gredos, 1966.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- MOURÃO-FERREIRA, Davi. "Editorial". In: *Boletim cultural: Vitorino Nemésio - o poeta e o ficcionista*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, **07** (07): 03-04, dez. 1992.
- NEMÉSIO, Vitorino. "O tubarão". In: *Obras completas - A casa fechada*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1992, Vol. VI.
- ULLMANN, Stephen. *Lenguaje y estilo*. Trad. de Juan Martin Ruiz - Werner. Madrid: Aguilar, 1973.

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	101-112
---------------	----------------------	----------	------	---------